

Com frequência, eventos determinados aleatoriamente são interpretados como dependentes da ação do observador. As pessoas sentem-se motivadas ao verem-se como agentes causais e responsáveis por seus sucessos, e tendem a se ater-se a dicas do ambiente que apoiem esta atribuição (Yarritu, Matute, & Vadillo, 2014). A associação consciente entre respostas e resultados não-contingentes se chama Ilusão de Controle (IC). Langer (1975) propôs a “hipótese da confusão entre habilidade e acaso” as pessoas experimentam o controle ilusório quando interpretam erroneamente situações casuais como sendo relacionadas a alguma habilidade. O excesso de IC pode explicar os comportamentos supersticiosos e ritualísticos (Matute & Blanco, 2014). Uma das formas de investigar a IC é tornando-se os resultados independentes da resposta do sujeito através da manipulação da probabilidade de resultados $p(R)$ em tarefas de aprendizagem, (Blanco & Matute, 2015). Neste sentido, compreender a IC em condições de prevenção de resposta (i.e., tentar evitar um resultado) e produção de resposta (i.e., produzir um resultado) pode ser importante para entender o fenômeno da IC na população normal..

Objetivo

Analisar os efeitos da probabilidade da ação desempenhada pelo participante, $p(A)$, e da probabilidade do resultado aleatório gerado pelo programa, $p(R)$, na magnitude da ilusão de controle desenvolvida tanto em cenários produtivos como preventivos, durante a tarefa da lâmpada.

Método

Instrumentos

a) *Light bulb task*: A tarefa experimental foi uma replicação da “tarefa da lâmpada”, adaptada por Blanco e Matute (2014) e programada no *software* E-Prime. Os dados foram coletados em uma cabine com isolamento acústico, durante vinte minutos. No computador, foram conduzidas duas manipulações aleatórias. O primeiro fator foi o cenário: produtivo, onde acender a lâmpada foi mostrado como resultado desejado que o participante deveria tentar reproduzir, e o cenário preventivo, no qual a lâmpada acesa foi descrita como resultado indesejável, que o participante deveria tentar prevenir. O segundo fator foi a probabilidade da lâmpada acender, alta ou baixa. Cada participante executou uma sequência de 50 tentativas com valores gerados aleatoriamente, de modo que a sequência e o produto (lâmpada acesa ou apagada) foram independentes da decisão do participante. (Figura 1). A segunda manipulação envolvia a probabilidade de resultado aleatório $p(R)$ e foi definida a porcentagem de vezes em que a lâmpada permaneceria acesa ou apagada independentemente da resposta do participante. Após as manipulações, quatro condições de experimento foram criadas: *Produtiva-Alta* (80% acesa), *Produtiva-Baixa* (20% acesa), *Preventiva-Alta* (80% apagada) e *Preventiva-Baixa* (20% apagada).

b) *Escala Análogo-visual de Ilusão de Controle*: A ilusão de controle foi avaliada através de uma escala análogo-visual com valores de -100 (resultados totalmente contrários ao controle do participante) a +100 (resultados totalmente conforme o controle), respondida após a realização da tarefa.

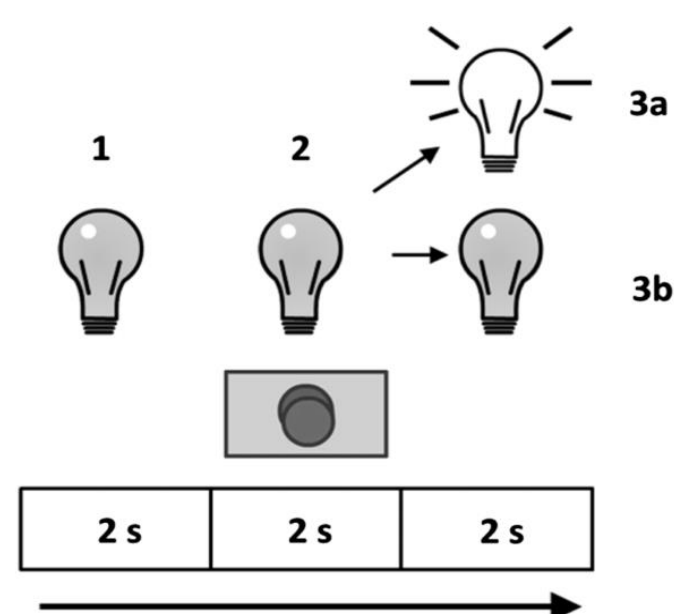


Figura 1. *Light Bulb Task*. O evento 1 consiste em mostrar a imagem da lâmpada apagada (na cor cinza escura) por 2 s, de modo a constituir o intervalo entre tentativas (ITI) que marca o início da tentativa. No evento 2 um botão vermelho aparece abaixo da lâmpada apagada por 2 s para que o participante responda ou aguarde. O evento 3 mostra os tipos de resultado por 2 s: lâmpada acesa (em cor amarela clara, 3a) ou apagada (3b). Adaptado de Blanco & Matute (2014, p. 133).

Participantes

A amostra foi composta por 80 alunos voluntários de ambos os sexos (53 mulheres e 27 homens), com idade entre 18 e 30 anos ($M = 21,9$), de diferentes cursos de graduação do Campus Saúde da UFRGS em Porto Alegre.

Análise Estatística

Além da análise gráfica de dados, foram realizadas análises de variância (ANOVA) para comparar a média dos níveis de IC entre as condições de $p(R)$, as $p(A)$ e verificar a existência de interações entre grupo e IC.

Resultados

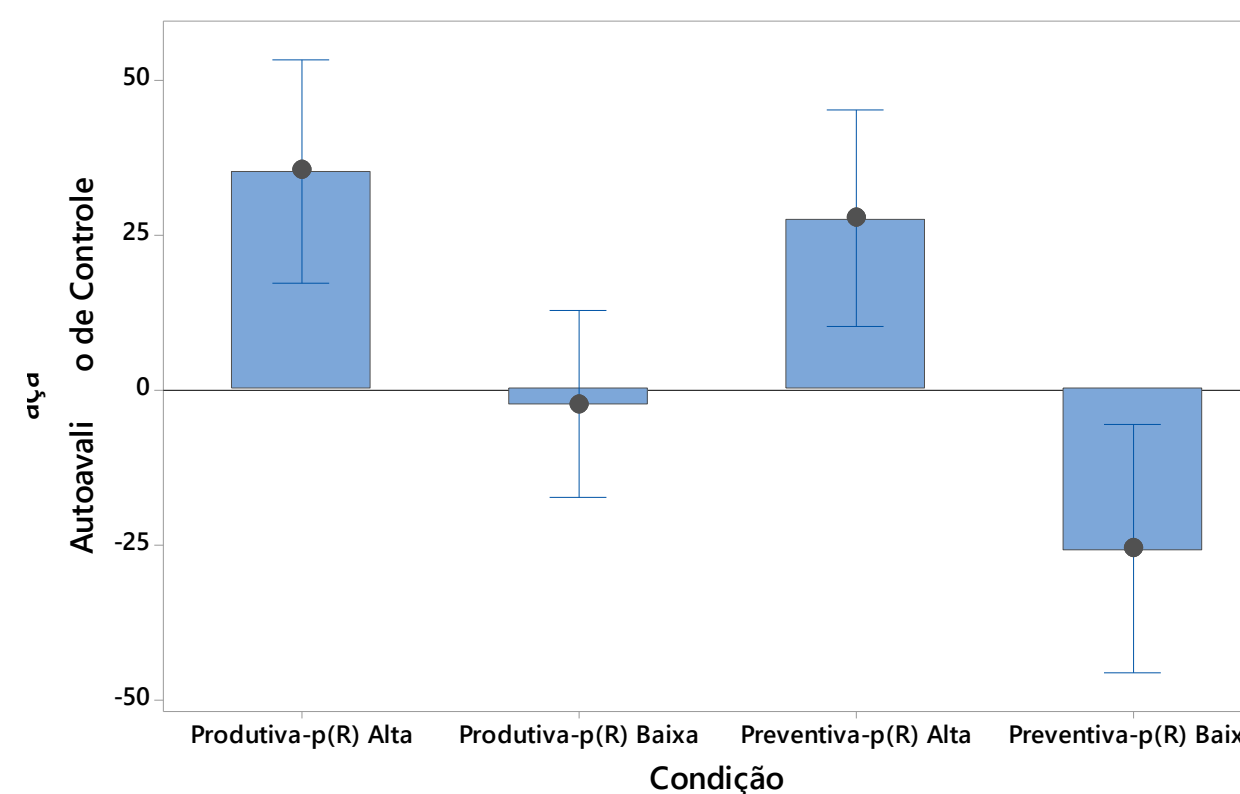


Figura 2. Gráfico das autoavaliações de controle, segundo os grupos de participantes sob 4 condições. Altas probabilidades geraram ilusões positivas; a condição preventiva com baixa probabilidade de resposta gerou ilusões negativas; observou-se ausência de ilusão na condição produtiva com baixa probabilidade de resposta.

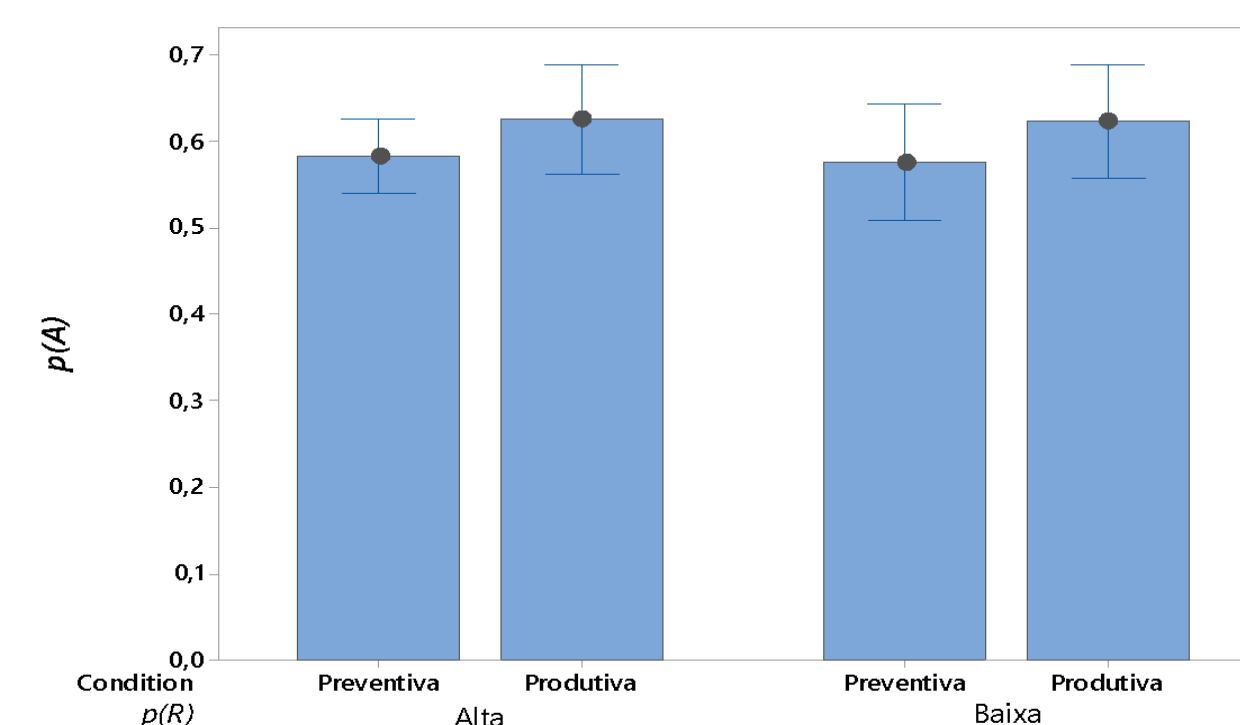


Figura 3. Médias das probabilidades de ação nos 4 grupos e respectivos intervalos de confiança a 95%, indicando igualdade entre os acionamentos pelos grupos.

Como previsto, os maiores efeitos encontrados na ilusão de controle positiva foram nas condições onde a $p(R)$ era alta, ou seja, Produtiva-Alta e Preventiva-Alta. A ilusão negativa ocorreu mais na condição Preventiva-Baixa, onde a $p(R)$ era baixa e o resultado era indesejável

Discussão

A probabilidade do resultado aleatório gerado pelo programa durante a tarefa da lâmpada, $p(R)$ aumentou a IC dos participantes tanto em cenários geradores (produtivos) como aversivos (preventivos). A ilusão também persistiu, porém em sentido inverso, em cenários aversivos com baixa $p(R)$. A ilusão diminuiu em intensidade e tendeu a desaparecer em cenários produtivos com baixa ocorrência de eventos. Os resultados não permitiram tirar conclusões significativas sobre o efeito da probabilidade de ação pelo participante, $p(A)$, na intensidade da ilusão de controle, em qualquer tipo de cenário e de incidência de eventos.

Diferentemente do estudo anterior, a condição Preventiva-Alta induziu uma ilusão positiva e estatisticamente equivalente à da Produtiva-Alta. Uma das explicações seria que a elevada ocorrência do evento – quer seja desejável, quer indesejável – provoca ilusão. Além disso, o tipo de escala (bidirecional, com valores elevados nos extremos e reduzidos ou nulos na região central) confundiria o participante brasileiro não acostumado à lógica não-linear deste tipo de instrumento. Outra possível limitação do paradigma utilizado é que o estímulo (a imagem de uma lâmpada) seja adequado a cenários produtivos, mas pouco eficaz para mobilizar o participante aversivamente em cenários preventivos.

Conclusão

Os resultados encontrados neste estudo corroboram a maioria dos resultados de Blanco e Matute (2014).

A análise dos valores absolutos indicou que a condição Preventiva-Baixa gerou escores significativamente diferentes de zero, apesar da baixa probabilidade de eventos, sugerindo que a baixa ocorrência do resultado pode gerar uma ilusão mais acentuada, por exemplo, uma falsa autoconfiança das pessoas em relação a eventos raros, como no caso da ocorrência de acidentes de trabalho ou de trânsito.

Referências

- Blanco, F., & Matute, H. (2014). Exploring the Factors That Encourage the Illusions of Control. *Experimental Psychology*, 62(2), 131-142.
- Langer, E. J. (1975). The Illusion of Control. *Journal of Personality & Social Psychology*, 32(2), 311–328.
- Langer, E. J., & Roth, J. (1975). Heads I Win, Tails It's Chance: The Illusion of Control as a Function of the Sequence of Outcomes in a Purely Chance Task. *Journal of Personality & Social Psychology*, 32(6), 951–955.
- Alloy, L. B., & Abramson, L. Y. (1982). Learned helplessness, depression, and the illusion of control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42(6), 1114–1126.
- Matute, H., & Blanco, F. (2014). Reducing the illusion of control when an action is followed by an undesired outcome. *Psychonomic Bulletin & Review*, 21(4), 1087–1093.
- Yarritu, I., Matute, H., & Vadillo, M. A. (2014). Illusion of control: the role of personal involvement. *Experimental Psychology*, 61(1), 38–47.